

# João Batista é mesmo Elias?

“Não se deve aceitar qualquer ideia que nos vem dos livros, da tradição, da autoridade da Igreja, nenhuma deve ser aceita a não ser que resista a um exame rigoroso” (DESCARTES).

“A verdade não conhece mistérios, nem dogmas, nem milagres. A necessidade de enganar, de iludir faz parte sempre dos mesmos mistérios, dogmas e milagres”. (MELO, M. C.).

“O que é preciso, ao homem que reflete, é alguma coisa que fale à sua inteligência”. (KARDEC, A.).

## Introdução

Pelo fato de não aceitarem a reencarnação, muitas pessoas têm defendido a tese de que João Batista não teria sido Elias em nova encarnação. Evidentemente, partem de uma interpretação pessoal, completamente associada ao dogmatismo religioso em que vivem, resultando em algo que pouco ou nada tem a ver com os textos bíblicos.

Faremos um estudo para ver qual é a realidade, esperando responder à pergunta inicial; mas, como sempre, em relação a esses, de quem falamos, não alimentamos a mínima pretensão de demovê-los de suas ideias com o que resultar desse estudo. A única coisa que irá modificar-lhes o pensamento será, por ironia do próprio destino, só mesmo a reencarnação, já que ela é uma lei natural, que não pergunta a ninguém se nela crê ou não, para que lhe sujeite e se cumpra o “*é necessário nascer de novo*” (Jo 3,3).

## Passagens bíblicas para análise

O povo hebreu esperava a volta de Elias, confiante nas duas profecias do Antigo Testamento, que afirmam sobre o seu retorno. Propositamente, as colocaremos na ordem inversa, ou seja, da mais nova para a mais antiga. Leiamos-la:

*Eclo 48,10: “tu que foste designado nas ameaças do futuro, para apaziguar a cólera antes do furor, para reconduzir o coração dos pais aos filhos e restabelecer as tribos de Jacó”.*

Nos versículos 1 a 12 do capítulo 48 do livro Eclesiástico, escrito por volta do ano 200 a.C., está-se falando de Elias; então, a afirmativa de que “*foste designado nas ameaças do futuro*” refere-se a uma profecia a respeito da volta de Elias. Na sequência, diz-se que um dos objetivos de sua volta seria “*para reconduzir o coração dos pais aos filhos*”, exatamente o que iremos ver o anjo Gabriel afirmando a Zacarias sobre o personagem João Batista (Lc 1,14-18). E, certamente, corrobora o que encontramos em Malaquias (Ml 3,22-24<sup>[1]</sup>), que lhe é anterior, contendo essa mesma afirmação, conforme veremos um pouco adiante. E o versículo 11 inicia afirmando “*Felizes os que te virem...*”, o que dá conotação de algo a acontecer no futuro.

A segunda passagem, onde, na verdade, se encontra a primeira profecia, está no último livro do A.T, que é o de Malaquias, que, segundo pudemos levantar, viveu cerca de 400 anos a.C. (Dicionário Prático - Barsa, p. 165); assim ele disse:

*Ml 3,1: “Vejam! Estou mandando o meu mensageiro para preparar o caminho à minha frente. De repente, vai chegar ao seu Templo o Senhor que vocês procuram, o mensageiro da Aliança que vocês desejam. Olhem! Ele vem! - diz Javé dos exércitos”.*

Mais à frente, esse mensageiro é identificado, no mesmo texto do próprio profeta Malaquias:

---

<sup>1</sup> Em algumas traduções bíblicas essa passagem é citada como Ml 4,4-6.

MI 3,23-24 ou 4,5-6: *“Vejam! Eu mandarei a vocês o profeta Elias, antes que venha o grandioso e terrível Dia de Javé. Ele há de fazer que o coração dos pais voltem para os filhos e o coração dos filhos para os pais; e assim, quando eu vier, não condenarei o país à destruição total”.*

O passo seguinte é quando, no tempo de Herodes, rei da Judeia, um sacerdote chamado Zacarias recebe a visita de um anjo, que lhe anuncia que sua mulher Izabel, apesar de estéril, daria a luz a uma criança, cujo nome deveria ser João (Lc 1,5-13); caracterizando essa criança, o anjo Gabriel declara a Zacarias:

Lc 1,15-18: *“[...] ele vai ser grande diante do Senhor. Ele não beberá vinho, nem bebida fermentada e, desde o ventre materno, ficará cheio do Espírito Santo. Ele reconduzirá muitos do povo de Israel ao Senhor seu Deus. Caminhará à frente deles, com o espírito e o poder de Elias, a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos, preparando para o Senhor um povo bem disposto”.*

Afirmando que a criança virá *“com o espírito e o poder de Elias”*, se usa da linguagem de época, para confirmar que aquela criança seria o espírito de Elias reencarnado. Isso se confirma quando, na sequência, é dito *“a fim de converter os corações dos pais aos filhos”*, exatamente como consta em Eclesiástico (Eccl 48,10) e como também disse Malaquias na profecia que anteriormente citamos (MI 3,22-24 ou 4,4-6), na qual também se afirma categoricamente que Elias haveria de voltar: *“eu mandarei a vocês o profeta Elias”*.

No dia em que o menino foi levado para ser circuncidado, Zacarias, mudo por castigo imposto pelo anjo, escreve, numa tábu, o nome que deveria ser dado a seu filho: João. Fez isso porque queriam dar à criança o mesmo nome do pai ou de algum parente. Logo após, Zacarias profetiza dizendo várias coisas (Lc 1,67-79), e dentre elas destacamos:

Lc 1,76-77: *“E a você, menino, chamarão profeta do Altíssimo, porque irá à frente do Senhor, para preparar-lhe os caminhos, anunciando ao seu povo a salvação e perdão dos pecados”.*

Isso confirma, primeiro, a profecia anterior de Malaquias e, segundo, o que o anjo Gabriel havia dito a Zacarias, como para não deixar dúvidas de quem era aquele menino, embora, nos dias de hoje, haja os que, por puro dogmatismo, não enxergam isso.

Na narrativa, em que se relata o início da pregação de João Batista, lemos:

Lc 3,3-6: *“E João percorria toda a região do rio Jordão, pregando o batismo de conversão para o perdão dos pecados, conforme está escrito no livro do profeta Isaías: ‘Esta é voz daquele que grita no deserto: preparem o caminho do Senhor, endireitem suas estradas. Todo vale será aterrado, toda a montanha e colina serão aplainadas; as estradas curvas ficarão retas, e os caminhos esburacados serão nivelados. E todo homem verá a salvação de Deus’”.*

Como se nota, João, mais uma vez, está sendo relacionado a uma profecia a respeito da vinda do Mensageiro.

Mais à frente, João Batista é preso por Herodes, e da prisão, envia seus discípulos a Jesus. Logo após esse encontro de Jesus com os discípulos de João, ele, o Mestre, em se referindo à *“voz que clama no deserto”* diz:

Mt 11,7-15: *“O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. É de João que a Escritura diz: ‘Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti’. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos, ouça”.*

Na afirmação de que *“é de João que a Escritura diz”*, Jesus está relacionando João Batista exatamente à profecia de Malaquias a respeito do envio do mensageiro (Ml 3,1), identificado pelo próprio profeta como sendo Elias (Ml 3,22-24), conforme já vimos.

Há, aqui, uma frase que poucos a comentam; entretanto, ela é muito singular. Estamos falando da frase: *“Desde os dias de João Batista até agora”*, expressão que, por lógica, só faria sentido se João Batista não fosse contemporâneo de Jesus. Sobre ela Kardec tece o seguinte comentário:

[...] Que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica, dizendo: "Se quiserdes compreender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir." Ora, sendo João o próprio Elias, Jesus alude à época em que João vivia com o nome de Elias. [...] (KARDEC, 2007c, p. 92) (grifo nosso).

Acreditamos que é realmente isso: Jesus está afirmando o que, em outras palavras, poderia ter sido dito: *“Desde os dias de Elias até agora”*, já que, na sequência, ele arremata claramente dizendo que João é Elias, aquele mesmo que havia de vir. Na certeza de que muitos não acreditariam nisso, completa: *“quem tem ouvidos, ouça”*, ou seja, quem quiser acreditar que acredite: João Batista é mesmo o Elias reencarnado.

Vale também observar que Jesus nunca impôs sua maneira de pensar a ninguém, exemplo que muitos não se preocupam e nem fazem questão de seguir; principalmente, aqueles que tentam incutir na cabeça dos outros suas interpretações pessoais dos textos bíblicos; seriam eles os falsos profetas de quem Jesus sempre falava? Em Mt 7,21-23 Ele nos dá algumas pistas sobre quem poderiam ser esses falsos profetas: usariam o nome dele para: (1) profetizar; (2) expulsar demônios e (3) fazer muitos milagres. Será que é de alguns líderes religiosos atuais que Jesus está se referindo? Fica a resposta por sua conta, caro leitor.

Como explicar que João Batista seja o maior de todos os homens, mas que no *“Reino do Céu”* ele é o menor? Somente com a possibilidade de evolução individual de cada um de nós. Se isso não for verdade, haveremos de, forçosamente, acreditar que Deus age com parcialidade, contrariando a afirmação de que *“Deus não faz acepção de pessoas”* (At 10,34), o que faria de Sua *“justiça”* uma justiça por demais humana, privilegiando algumas pessoas em detrimento de outras.

Em outra passagem Jesus volta, novamente, a afirmar sobre João ser Elias. Ei-la:

Mt 17,1-13: *“Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, os irmãos Tiago e João, e os levou a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E se transfigurou diante deles: o seu rosto brilhou como o sol, e as suas roupas ficaram brancas como a luz. Nisso lhes apareceram Moisés e Elias, conversando com Jesus. Então Pedro tomou a palavra, e disse a Jesus: ‘Senhor, é bom ficarmos aqui. Se queres, vou fazer aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias’. Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e da nuvem saiu uma voz que dizia: ‘Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz’. Quando ouviram isso, os discípulos ficaram muito assustados, e caíram com o rosto por terra. Jesus se aproximou, tocou neles e disse: ‘Levantem-se, e não tenham medo’. Os discípulos ergueram os olhos, e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus. Ao descerem da montanha, Jesus ordenou-lhes: ‘Não contem a ninguém essa visão, até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dos mortos’. Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: ‘O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?’ Jesus respondeu: ‘Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram. Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo’. Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista”*.

Transcrevemos a passagem por completo para podermos melhor explicá-la. Os espíritos Moisés e Elias aparecem no monte Tabor e conversam com Jesus, fato que Pedro, Tiago e João testemunham (e ainda dizem que os mortos não se comunicam...). Os discípulos, lembrando-se das profecias a respeito da volta de Elias, ficam intrigados; daí pensaram: se Elias está aqui, então como na Escritura é dito que ele voltaria? Em consequência pedem uma explicação a Jesus: *“O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?”*. A

resposta de Jesus sobre isso é categórica: *“Elias já veio, e eles não o reconheceram”*. Fato que por si só se explica porque o espírito que animou Elias esteve reencarnado como João Batista; entretanto, nem todos o reconheceram. É por isso que no texto consta “eles”, os doutores da Lei, e não “ninguém”, que abrangeria o desconhecimento por parte de todo mundo, inclusive dos apóstolos, de que João era Elias. Quanto aos apóstolos, podemos dizer que apenas queriam essa confirmação por parte de Jesus, pois já supunham que João era mesmo Elias, já que não teriam feito essa pergunta se não cresseem na reencarnação.

Será interessante vermos essa passagem pela narrativa de Marcos; leiamo-la:

*Mc 9,1-13: “E Jesus dizia: ‘Eu garanto a vocês: alguns dos que estão aqui, não morrerão sem ter visto o Reino de Deus chegar com poder’. Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e seu irmão João, e os levou sozinhos a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E se transfigurou diante deles. Suas roupas ficaram brilhantes e tão brancas, como nenhuma lavadeira no mundo as poderia alvejar. Apareceram-lhes Elias e Moisés, que conversavam com Jesus. Então Pedro tomou a palavra e disse a Jesus: ‘Mestre, é bom ficarmos aqui. Vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias’. Pedro não sabia o que dizer, pois eles estavam com muito medo. Então desceu uma nuvem e os cobriu com sua sombra. E da nuvem saiu uma voz: ‘Este é o meu Filho amado. Escutem o que ele diz!’ E, de repente, eles olharam em volta e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus com eles. Ao descerem da montanha, Jesus recomendou-lhes que não contassem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos. Eles observaram a recomendação e se perguntavam o que queria dizer ‘ressuscitar dos mortos’. Os discípulos perguntaram a Jesus: ‘Por que os doutores da Lei dizem que antes deve vir Elias?’ Jesus respondeu: ‘Antes vem Elias para colocar tudo em ordem. Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado. Eu, porém, digo a vocês: Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele’”.*

Será que o “ressuscitar dos mortos” aí equivale a reencarnar? Os discípulos discutiam sobre o que queria dizer “ressuscitar dos mortos” e, ao que parece, não chegaram a um denominador comum; assim, querendo um esclarecimento, perguntam a Jesus sobre a volta de Elias. Obviamente, como estavam conversando sobre ressurreição dos mortos, e nessa conversa sai o nome de Elias, é porque, certamente, tinham Elias como morto e não como um arrebatado.

Muito interessante o que pudemos ver quanto ao teor do versículo 13, em duas outras traduções bíblicas bem antigas. Na Bíblia Paulinas (1957) e na Bíblia Barsa (1965), nesse verso consta o seguinte:

*Mc 9,13: “Mas digo-vos que Elias já veio (e fizeram dele quanto quiseram) como está escrito dele”.*

A diferença entre os textos bíblicos pode ter sido porque o que está aqui entre parênteses é, certamente, uma glosa. Conforme o Dicionário Bíblico, glosa “são os acréscimos feitos a um texto para explicá-lo, corrigi-lo e adaptá-lo. De modo geral colocados à margem pelos autores, as glosas são progressivamente inseridas no texto até pelos próprios copistas”. (MONLOUBOU e DU BUIT, 1997, p. 328). Assim, temos o texto original, sem a glosa: *“Mas digo-vos que Elias já veio como estava escrito dele”*, ou seja, corrobora as duas profecias, já citadas.

Embora tudo isso quanto colocamos, até aqui, seja claro aos que não estão encabrestados por sua liderança religiosa, ainda continuarão aparecendo dogmáticos com argumentos contrários a essa verdade bíblica, colocando Jesus como mentiroso, já que foi Ele quem disse que João era Elias, e não nós, os Espíritas, fato que não há como contestar.

Falta-nos ainda fazer uma análise da passagem que relata a morte de João Batista; é o que faremos agora; mas, primeiro, leiamo-la:

*Mt 14,7-11: “Então Herodes prometeu com juramento que lhe daria tudo o que ela pedisse. Pressionada pela mãe, ela disse: ‘Dê-me aqui, num prato, a cabeça de João Batista’. O rei ficou triste, mas por causa do juramento na frente dos convidados,*

*ordenou que atendessem o pedido dela, e mandou cortar a cabeça de João na prisão. Depois a cabeça foi levada num prato, foi entregue à moça, e esta a levou para a sua mãe”.*

Considerando que a reencarnação está diretamente associada à lei de causa e efeito, a morte de João Batista é mais um fato que se ajusta ao nosso conjunto de provas, pois ele morreu exatamente da mesma forma que, quando estava encarnado como Elias, fez perecer os sacerdotes de Baal: teve a cabeça cortada. Vejamos o relato:

*1Rs 18,40: “Então Elias disse a eles: ‘Agarrem os profetas de Baal. Não deixem escapar nenhum’. E eles os agarraram. Elias fez os profetas de Baal descer até o riacho Quison, e aí os degolou”.*

*1Rs 19,1: “Acab contou a Jezabel o que Elias tinha feito e como tinha matado a fio de espada todos os profetas”.*

E para que ninguém diga que a lei de causa e efeito não é bíblica, como ao gosto dos dogmáticos, apresentamos para sustentação do nosso entendimento as seguintes passagens:

*Jó 4,8: “Pelo que eu sei, os que cultivam injustiça e semeiam miséria, são esses que as colhem”.*

*Jo 8,34: “Jesus respondeu: ‘Eu garanto a vocês: quem comete o pecado, é escravo do pecado”.*

*Mt 26,52): “Jesus, porém, lhe disse: ‘Guarde a espada na bainha. Pois todos os que usam a espada, pela espada morrerão”.*

*Gl 6,7: “Não se iludam, pois com Deus não se brinca: cada um colherá aquilo que tiver semeado”.*

Há uma passagem em que Jesus ressalta a lei de causa e efeito ao estabelecer uma correlação entre a doença de uma pessoa como consequência de, anteriormente, ter “pecado”. É o caso de um paraplégico, que assim se encontrava há trinta e oito anos, que foi curado num dia de sábado. Pouco tempo depois Jesus o encontra no templo e lhe diz: *“Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior”* (Jo 5,14). Não resta dúvida que, perante essa fala de Jesus, podemos concluir que a paralisia desse homem estava diretamente relacionada a um “pecado” cometido por ele, embora, pelo texto não dê para sabermos se foi ou não de uma outra vida. Jesus ainda lhe adverte que se pecar outra vez a doença poderá ser pior, reafirmando essa lei.

## **Refutando Objeções**

Vamos agora analisar as principais objeções que se levantam contra João Batista ser Elias reencarnado. Iremos dividi-las em dois grupos; um específico quanto a essa questão e o outro mais genérico, onde argumentam contra a reencarnação, dizendo que não é bíblica e que Jesus nunca pregou tal coisa. Convém ressaltar que as genéricas, não raro, têm sido usadas como rota de fuga e de compensação, perante a inocuidade das objeções específicas.

### **1 - Objeções Específicas**

#### **1.1 - Elias não poderia ter reencarnado porque não morreu, mas foi arrebatado.**

Se João, o Batista, fosse mesmo Elias reencarnado, Elias teria de ter morrido para reencarnar. Ora, sabemos que Elias nunca morreu, pois foi arrebatado vivo ao céu (2Rs 2,11). Perguntamos aos espíritas qual o texto da Bíblia que confirma a morte de Elias? A resposta é: nenhum. Elias não morreu. Será que os espíritas aceitariam a Bíblia como um livro inspirado, ou vão torcer o significado do texto?

O grande problema é que muitas pessoas acreditam piamente em tudo que consta da Bíblia, como se, realmente, ela fosse, “capa a capa”, de inspiração divina. Certamente, o seria se não houvesse nela a mínima contradição; no entanto, podemos ver que elas existem; mas só percebem isso os que estão livres das “viseiras dogmáticas”. No presente caso, acontecem

várias. Vejamo-las:

a) Gn 3,19: “[...] *tu és pó e ao pó tornarás*”.

Elias, caso tivesse sido arrebatado, não teria voltado ao pó conforme o que Deus estabeleceu aqui nessa passagem como coisa que acontecerá a todo ser humano.

b) 1Cor 15,50: *“Isto afirmo, irmãos, que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, [...]”*.

Se Elias foi arrebatado, certamente que foi para o reino dos céus no corpo físico, ou seja, com sua carne e seu sangue, fato que vem contrariar o que está aqui dito nesse passo.

c) Jo 3,13: *“Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do homem”*.

Se o arrebatamento de Elias for verdadeiro, então ele subiu ao céu, e antes do que Jesus, o que contradiz essa fala de Jesus, que foi a única pessoa que havia subido ao céu, e ninguém mais, conforme suas próprias palavras.

d) Hb 9,27: “[...] *aos homens está ordenado morrerem uma só vez [...]*”.

Se Elias não morreu - nem uma única vez -, fica evidente que essa passagem não se cumpriu.

e) At 10,34: “[...] *Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; [...]*”.

Explica-nos o Houaiss que acepção é: “escolha, predileção por alguém; inclinação, tendência em favor de pessoa(s) por sua classe social, privilégios, títulos etc.”. Consequentemente, se o tal do arrebatamento aconteceu a Elias, há evidente contradição com o texto aqui citado. E, por outro lado, considerando que Tiago disse que *“Elias é homem fraco como nós”* (Tg 5,17), qual seria então, a razão desse suposto privilégio de Elias, já que ele é igual a nós?

f) Jo 6,63: *“O espírito é que vivifica; a carne para nada aproveita; [...]”*.

Na possibilidade de Elias ter sido arrebatado, ele foi “em carne” para o mundo espiritual; mas isso é estranho em função do *“a carne para nada se aproveita”*; porquanto, nessa passagem, fica claro que o Espírito é que é o mais importante.

g) Jo 4,24: *“Deus é Espírito, [...]”*.

Agora, sim, é que as coisas se tornaram mais incoerentes, uma vez que Deus, sendo espírito - essa é a nossa semelhança para com Ele -, certamente vive em seu reino nessa condição. Entretanto, Elias teria que viver em corpo físico, caso tivesse sido arrebatado. Se for verdade o que disse Jesus, de que o *“reino dos céus está dentro de vós”* (Lc 17,21), então ele não é um lugar, mas um estado de consciência, ficando, portanto, sem qualquer sentido alguém ser arrebatado fisicamente.

h) 2Cr 21,12: *“Então lhe chegou às mãos uma carta do profeta Elias”*.

Nesse livro, o de Crônicas, está se afirmando que Elias envia uma carta a Jorão (forma abreviada de Jeorão), fato que comprova que ele não foi arrebatado coisíssima nenhuma, uma vez que o envio dessa carta aconteceu cerca de dez anos depois do seu suposto arrebatamento, o que comprovamos com: “De acordo com a cronologia de 2Rs, Elias tinha desaparecido antes do reinado de Jorão de Israel (2Rs 2; 3,1) e, portanto, antes de Jorão de Judá (2Rs 8,16; cf. no entanto 2Rs 1,17)” (Bíblia de Jerusalém, p. 607). A não ser que o correio daquela época não tenha sido tão eficiente quanto o atual e tenha atrasado a entrega dessa carta.

Ainda temos o tradutor Russell P. Shedd (1929- ), teólogo evangélico, que assim tenta explicar o passo 2Cr 21,12:

Elias já havia subido aos céus antes da entrega da sua carta (cf. 2Rs 3,11), que soaria como uma voz de condenação vinda do além. Elias talvez

profetizara os crimes de Jeorão, com os castigos que lhe sobreviriam, à sua família e à sua nação. Elias, também, foi formidável oponente de Jezabel, mãe de Atalia, e sogra de Jeorão. (Bíblia Shedd, p. 640) (grifo nosso).

A sua hipótese de que a carta “soaria como uma voz de condenação vinda do além” é, para nós, algo inusitado saindo da boca de um evangélico.

Com apenas a informação de que “Elias já fora trasladado ao céu quando esta carta foi entregue a Jeorão”. (Bíblia Anotada, p. 586), sem maiores considerações, para, talvez, não terem que admitir o que Shedd coloca como uma possibilidade.

É em 2Rs 2,11 que se narra o suposto arrebatamento de Elias, fato que causa divergência mesmo entre os teólogos; vejamos a opinião de uma equipe de tradutores católicos e protestantes: “O texto não diz que Elias não morreu, mas facilmente se pode chegar a essa conclusão” (Bíblia de Jerusalém, p. 509).

## 1.2 – No monte da transfiguração, quem apareceu foi Elias e não João Batista, como era de se esperar se João fosse a última encarnação de Elias.

Se João Batista fosse a reencarnação de Elias, aquele que teria aparecido no monte da transfiguração, deveria ser João Batista e não Elias (Mt 17,1-6). Pois de acordo com a doutrina espírita: a última pessoa reencarnada é que deve aparecer.

Obviamente que, como um princípio geral, isso está certo; o que não se deve é generalizar, pois, de acordo com a Doutrina Espírita, o que acontece é isso: “Os Espíritos que se tornam visíveis se apresentam, **quase sempre**, sob as aparências que tinham quando vivos, e que pode fazê-los reconhecer”. (KARDEC, 1993h, p. 108). A expressão “quase sempre” retira o caráter genérico, abrindo a possibilidade de os espíritos apresentarem-se na forma em que as pessoas, às quais se dirigem, possam reconhecê-los; assim, “Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível, se tal é o seu desejo”. (KARDEC, 2007b, p. 146). Dessa forma, se o espírito apresentou-se como Elias e não como João Batista, é porque ele queria se fazer reconhecer como Elias e não como João; foi isso o que aconteceu.

Portanto, pela Doutrina Espírita, há casos em que o espírito pode se manifestar com a aparência de qualquer outra encarnação, desde que tenha evolução moral para isso. O perispírito, como sendo o corpo espiritual, pode ser moldado à vontade do espírito, uma vez que ele possui entre suas propriedades a da plasticidade, que, com o poder do pensamento, permite ao espírito assumir uma outra aparência, mas sempre com a aparência de uma de suas encarnações. É o que se pode, inclusive tirar dessa fala de Kardec:

É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, **sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações.** Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores - enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. - que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não quer isso dizer que haja conservado essas aparências, certo que não, porquanto, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zarolho, nem decapitado; o que se dá é que, **retrocedendo o seu pensamento à época em que tinha tais defeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido.** Se, pois, de uma vez ele foi negro e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento. (KARDEC, 2007e, p. 323) (grifo nosso).

O perispírito, por ser totalmente maleável, terá a aparência que o espírito queira lhe dar, pela força do seu pensamento, conforme, por aqui, se confirma:

[...] Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível, donde resulta que a forma que toma, conquanto decalcada na do

corpo, não é absoluta, amolga-se à vontade do Espírito, que lhe pode dar a aparência que entenda, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência.

Livre desse obstáculo que o comprimia, o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem. (KARDEC, 2007b, p. 81-82) (grifo nosso).

Quanto mais evoluído for um espírito, mais facilmente conseguirá dirigir sua vontade para moldar o perispírito na aparência que desejar. É o que Kardec nos explica:

[...] O Espiritismo nos faz compreender como podem os Espíritos achar-se entre nós. Comparecem com seu corpo fluídico ou espiritual e sob a aparência que nos levaria a reconhecê-los, se se tornassem visíveis. Quanto mais elevados são na hierarquia espiritual, tanto maior é neles o poder de irradiação. É assim que possuem o dom da ubiquidade e que podem estar simultaneamente em muitos lugares, bastando para isso que enviem a cada um desses lugares um raio de suas mentes. (KARDEC, 2007c, p. 416) (grifo nosso).

No caso de João Batista, Jesus disse que entre os nascidos de mulher ele era o maior, assegurando, portanto, sua condição de espírito evoluído, embora Tiago tenha dito o contrário, fato que já citamos.

### 1.3 - A Bíblia fala que João Batista teve um ministério parecido com o de Elias (Lc 1,17). Este versículo será completamente esclarecido se comparado com a história de Elias e Eliseu (2Rs 2,9-15).

João Batista cumpriu funcional e profeticamente o ministério de Elias, pois entendemos o texto da seguinte maneira: João Batista, deveria fazer o seu ministério dentro do espírito ministerial de Elias (Mt 4,5-6; Lc 1,17).

Em relação ao versículo que diz que João Batista ia no espírito de Elias (Lc 1,17), a Bíblia não diz que João Batista ia com o espírito de Elias. Existe uma grande diferença entre ir no espírito e ir com o espírito de Elias. A palavra no significa no mesmo ímpeto, semelhante. Para provar essa colocação, vamos ver como João Batista e Elias eram semelhantes.

JOÃO BATISTA	ELIAS
Perseguido por uma mulher (Herodias) e por um rei (Herodes). (Mt 14,3-5 e Mc 6,18-20)	Foi perseguido por uma mulher (Jezabel) e por um rei (Acabe). (1Rs 19,1-3 e 1Rs 21,20)
Usava uma capa de pelos. (Mt 3,4)	Usava também uma capa. (1Rs 19,19)
Era intrépido. (Lc 3,7)	Também era intrépido. (1Rs 18,27)
Foi o último profeta. (Lc 16,16)	Simboliza os profetas.

De doze livros bíblicos consultados [2], apenas quatro deles usam o “no”, o que, em termos percentuais, representa apenas 33% do total. Consequentemente, na maioria consta o termo “com”, e se nisto prevalecer a voz da maioria, então o argumento aqui enfocado cai por terra.

Quanto à questão de ministério semelhante, é apenas uma tentativa inepta para que não fique evidenciada a ideia da reencarnação, uma vez que não é isso o que consta da Bíblia e nem mesmo poder-se-ia interpretar a passagem dessa maneira, uma vez que Jesus não deixou dúvidas ao dizer que “*João é Elias que devia vir*”. Se a intenção da profecia fosse mesmo indicar um “profeta semelhante”, bastaria a Malaquias usar a mesma expressão empregada em Dt 18,18, onde se diz: “*Suscitarei um profeta semelhante a ti*”.

Por outro lado, se, às vezes, argumentam a não existência da reencarnação, pois essa palavra não consta da Bíblia, pelo mesmo motivo podemos aplicar à palavra “ministério”, que

<sup>2</sup> Ver relação nas referências bibliográficas

se usou na frase: “A Bíblia fala que João Batista teve um ministério parecido com o de Elias”. Ademais os que usam desse argumento e acreditam na Trindade, apenas provam falta de coerência ou, quiçá, excesso de esperteza em utilizar apenas de passagens que lhes convém.

Vejamos agora a mencionada história de Elias e Eliseu:

*2Rs 2,9-15: “Depois que passaram o rio, Elias disse a Eliseu: ‘Peça o que você quiser, antes que eu seja arrebatado da sua presença’. Eliseu pediu: ‘Deixe-me como herança dupla porção do seu espírito’. Elias disse: ‘Você está pedindo uma coisa difícil. Em todo caso, se você me enxergar quando eu for arrebatado da sua presença, isso que pede lhe será concedido; caso contrário, não será concedido’. E, enquanto estavam andando e conversando, apareceu um carro de fogo com cavalos de fogo, que os separou um do outro. E Elias subiu ao céu no redemoinho. Eliseu olhava e gritava: ‘Meu pai! Meu pai! Carro e cavalaria de Israel!’ Depois não o viu mais. Então Eliseu pegou sua própria túnica e a rasgou em duas partes. Pegou o manto de Elias, que havia caído, e voltou para a margem do Jordão. Segurando o manto de Elias, bateu com ele na água, dizendo: ‘Onde está Javé, o Deus de Elias?’ Bateu na água, que se dividiu em duas partes. E ele atravessou o rio. Ao vê-lo, os irmãos profetas, que estavam a certa distância, comentaram: ‘O espírito de Elias repousa sobre Eliseu’. Então foram ao seu encontro, se prostraram diante dele”.*

Para o espírito de Elias repousar sobre Eliseu, há de ter havido a morte do tesbita. De igual modo vemos, nos dias de hoje, ocorrendo com inúmeras pessoas, esse fenômeno de espírito repousar, o que para nós não é outra coisa senão a influência de um espírito desencarnado sobre um encarnado. Mas exigir que àquela época entendessem dessa forma é pedir muito, com certeza.

A relação das semelhanças, entre os dois profetas, está mais para se confirmar que João Batista é mesmo Elias do que para qualquer outra coisa.

Por outro lado, a profecia de Malaquias é clara quanto à promessa do envio de Elias, pois o cita nominalmente, e não alguém semelhante a ele como mostramos, e nem Jesus disse que João era semelhante a Elias, como querem os dogmáticos, justamente para fugir sorrateiramente da ideia da reencarnação.

#### 1.4 - João Batista disse claramente que não era Elias.

Em alguns passos parece haver uma ideia de reencarnação, mas combatemos tal ideia com a passagem bíblica: “Então, lhe perguntaram: Quem és, pois? És tu Elias? Ele disse: Não sou. És tu o profeta? Respondeu: Não”. (Jo 1,21). Assim, é o próprio João Batista que nega tal fato.

O que ocorre é que, quando o espírito passa a habitar um corpo físico, ele perde temporariamente a lembrança de suas outras vidas; daí ser perfeitamente normal a resposta negativa de João Batista à pergunta se ele era Elias. Por outro lado, aí ficaremos num dilema, pois em quem devemos acreditar: em Jesus que afirmou categoricamente que João Batista era Elias; ou no próprio João que disse não ser? De nossa parte estamos com Jesus, e pronto!

Mas a lembrança de outras vidas pode surgir de uma hora para outra, o que, facilmente, poder-se-á confirmar lendo a obra do Dr. Ian Stevenson (1918-2007), *Reincarnation and Biology: A Contribution to the Etiology of Birth Marks and Birth Defects*, (Vol. I: Birthmarks, 1200 páginas e vol. II: Birth Defects and Other Anomalies, 1100 páginas) e a sinopse desse livro, *Where Reincarnation and Biology Intersects: A Synops*. Nessa obra o autor relata 225 casos de crianças que se lembraram de uma outra vida dos, nada menos, 2600 investigados por ele. A pesquisa do Dr. Stevenson, na opinião do pesquisador brasileiro, Dr. Hernani de Guimarães Andrade (1913-2003):

Pessoalmente, consideramos essa obra do Dr. Stevenson como uma das mais importantes e indiscutíveis evidências de apoio à ideia da reencarnação. É a culminação das investigações acerca de casos de reencarnação, devido à qual preconizamos vir a ocorrer dentro de poucos anos o total reconhecimento da reencarnação como uma lei biológica da natureza. (ANDRADE, 2000, p. 74) (grifo do original).

Os que se apegam demais à negação, não se dão conta de que, se naquele tempo não acreditassem que uma pessoa, que havia vivido, pudesse viver novamente num outro corpo, não haveria sentido nessa pergunta feita a João Batista, fato que comprova que, àquela época, se acreditava na reencarnação, um dos significados para a palavra ressurreição. E, para eles, o fato de Elias ter que voltar, inclusive num novo corpo, incontestavelmente era coisa pacífica no seio da população; isso porque, se assim não fosse, não teria havido razão para terem sido enviados sacerdotes e levitas para fazerem esse tipo de pergunta; veja o leitor que o povo tinha plena consciência da reencarnação, pois havia a certeza de que ele, João Batista, era a reencarnação de outro profeta, embora não tivessem a certeza de qual dos profetas ele era a reencarnação; daí a razão da pergunta, mandada a ele ser formulada: *"Tu és Elias?"*. (Jo 1,21).

Além disso, no Velho Testamento, temos um versículo que nos induz a concluir da existência de nossas vidas passadas: Sb 8,19-20: *"Eu era um jovem de boas qualidades e tive a sorte de ter uma boa alma, ou melhor, sendo bom, vim a um corpo sem mancha"*. (Sb 8,19-20), quanto à lembrança iremos usar dos argumentos do amigo de Jó, que lhe disse: *"Somos de ontem, e nada sabemos"* (Jó 8,9). E é óbvio que o contexto é outro, porém se refere a um passado remoto. É com ele que se pode explicar o porquê de João Batista ter negado ser Elias, pois não se lembrava de sua encarnação como o Tesbita. Entretanto, embora ele não soubesse quem ele foi em encarnação anterior, tinha plena consciência da missão que deveria cumprir (Jo, 1,23), ao afirmar que vinha realizar o que dissera Isaías (Is 40,3).

Se João Batista não for mesmo Elias, então os cristãos que assim acreditam deveriam mudar de religião, já que é exatamente por esse motivo, ou seja, falta de cumprimento das profecias, que, para os judeus, Jesus não é o Messias e, por conseguinte, o judaísmo é que deveria ser a religião própria para abrigá-los. Já que, profeticamente, a vinda de Jesus teria que ser precedida da vinda de Elias, para anunciar a vinda do Messias.

### 1.5 – A alegação de que Elias seja João Batista não procede, tanto pelo contexto das Escrituras quanto pela pregação dele.

Quando o "Elias reencarnado" viu a Jesus, exclamou: *"Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo"*. Para ele, que viria restaurar todas as coisas, é Jesus, e não nós através de sucessivas vidas, que pagamos o preço pelos nossos pecados. A revelação completa que hoje está na Bíblia confere com o que João Batista trouxe, hoje não precisamos mais oferecer cordeiros em expiação, Cristo, o Cordeiro de Deus, hoje, é a nossa páscoa (1Cor 5,7). Como os cordeiros do Velho Testamento expiavam os pecados?? Como eles deveriam ser?? Pedro responde em sua carta: *"Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com precioso sangue, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha, o sangue de Cristo"* (1Pe 18,19).

Apesar de João Batista ter dito *"Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo"* (Jo 1,29), o fato é que ele também disse que *"Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar"*. (Mt 3,11). Portanto, em se considerando que o próprio João disse que Jesus é mais poderoso que ele, não pode prevalecer sua opinião à de Jesus. Reputamos ao Mestre a autoridade suprema para a qual devem convergir nossas atenções e prioridades. Neste caso, como Jesus identifica, claramente e sem rodeios, a identidade espiritual de João Batista, torna-se de importância secundária o que possa advir de seus discípulos, que venha a contradizer a qualquer de seus ensinamentos, uma vez que: *"Nenhum discípulo está acima do mestre"*. (Mt 10,24). Portanto, preferimos crer que a palavra final cabe a Jesus e não a Pedro, Paulo, João Batista ou a qualquer outro, no sentido de João Batista ser mesmo Elias, tanto pelo contexto das escrituras quanto pela pregação dele a seus discípulos, para os quais ensinava claramente sobre os *"mistérios do Reino de Deus"*. Os mesmos que, por fim, *"compreenderam que Jesus lhes tinha falado a respeito de João Batista"* (Mt 17,13).

Quanto à questão de que "o sangue de Jesus lavou nossos pecados", trata-se de mais uma opinião pessoal de autores bíblicos, contrária ao que Ele pregou. *"A cada um segundo suas obras"* (Mt 16,27), a parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37) e a do juízo final (Mt

25,31-46), são passagens que asseguram que, realmente, somos nós mesmos que nos salvamos. Os discípulos apenas transferiam a Jesus o papel da vítima do holocausto das práticas ritualísticas dos judeus, quando matavam um novilho, sem defeito, para a expiação dos pecados do povo. Diremos como Paulo de Tarso: "se Jesus morreu pelos nossos pecados: comamos e bebamos", pois já estamos salvos. Entretanto, essa absurda ideia contém uma contradição, uma vez que, pelo costume da época, os pecados perdoados eram os anteriormente cometidos em relação ao momento do ritual. Não havia, portanto, nenhuma relação para com os pecados futuros. Podemos confirmar isso em "... Sua morte aconteceu para o resgate das transgressões cometidas no regime da primeira aliança; ..." (Hb 9,15) Por conseguinte, a crer nessa expiação dos pecados por Jesus, haveremos de arrumar outro Cristo para pagar pelos nossos, tomando-se como ponto de partida os ocorridos da sua morte até os dias de hoje. Outra opção é, quem sabe, ficar aguardando a vinda de um próximo "cordeiro"? E como fica o "não peques mais"? (Jo 5,14; 8,11).

#### 1.6 – João não era Elias, mas "o" Elias, ou seja, alguém com as qualidades de Elias.

Ainda em nossos dias usamos esse estilo de expressão: "Nunca mais surgirá um Rui Barbosa". "O Ronaldinho é um verdadeiro Pelé". São termos comparativos. [Se acreditais na vinda de um Elias], "e, se quiserdes dar crédito, ele é o Elias que havia de vir" (Mt 11.14).

Por suas mensagens vibrantes e seu corajoso desempenho diante de situações difíceis, Elias tornou-se símbolo dos profetas. Moisés, por exemplo, era símbolo da Lei (Lc 16.31). As profecias sobre a vinda de Elias não se contradizem. Muito pelo contrário. Vejam: Malaquias 4.5: "Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor; e converterei o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição". Lucas 1.15-17: "Porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. E irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos e os rebeldes, à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto". Logo, as profecias da vinda de Elias se cumpriram em João Batista. Portanto, Elias veio na pessoa de João Batista. É esta a real interpretação de Mateus 11.14 e 17.10-13.

Os que assim argumentam se esquecem de mencionar que a frase "nunca mais surgirá um Rui Barbosa" não é sinônima de "nunca mais surgirá o Rui Barbosa", da mesma forma que correto é "Ronaldinho é um verdadeiro Pelé" e não "Ronaldinho é o verdadeiro Pelé". Por este motivo não consideramos que seja de uma boa lógica concluir que a expressão "ele é o Elias", seja o mesmo que dizer "ele é um Elias". Basta, para isso, observar atentamente como Jesus se expressa, de modo a não deixar sobre isso a menor sombra de dúvida:

Mt 11,10: "É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'".

Mt 17,12: "Mas eu digo a vocês Elias já veio, e eles não o reconheceram".

E, além disso, não adianta se apegar demais a esse pormenor, tendo em vista que a expressão "é o Elias" (Mt 11,14) não consta de todas as traduções bíblicas como, por exemplo: Bíblia Pastoral – Paulus e Escrituras Sagradas – Novo Mundo. Nas edições SBTB e SBB já encontramos "é este o Elias", e na Paulinas (1957, 1977 e 1980), na Bíblia Barsa, Bíblia Anotada – Mundo Cristão e na Bíblia Shedd, já lemos "ele mesmo é o Elias". Fica claro que, na maioria delas, o entendimento é objetivo, quando se afirma, embora de maneira um pouco diferente, que João Batistas é mesmo Elias, e não uma comparação, como querem os antirreencarnacionistas.

Além das Bíblias que acabamos de citar, quanto ao fato de usarem o "ele mesmo é Elias" (Mt 11,14), que insistentemente afirmamos ao longo deste estudo, ainda podemos acrescentar a tradução de Louis-Isaac Le Maître de Sacy (1613-1684):

"Se quiserdes compreender o que vos digo, ele mesmo é o Elias que há de vir".

Essa versão consta no *Evangelho Segundo o Espiritismo* (KARDEC, 2007c, p. 92), no

qual Kardec utilizou-se dos textos bíblicos da tradução francesa da Bíblia de Sacy (KARDEC,2007c, p. 26).

Podemos ainda apresentar a tradução do professor Carlos Torres Pastorino (1910-1980), ex-sacerdote formado em Teologia e Filosofia, por um Seminário Católico em Roma, catedrático em grego, hebraico e latim, em a *Sabedoria do Evangelho*, vol. 3, (1964c, p. 13), que é a seguinte:

*"E se quereis aceitar (isto), ele mesmo é Elias que estava destinado a vir".*

Pastorino, portanto, corrobora a tradução de Sacy, quanto ao uso do "ele mesmo", que, no texto bíblico, em se referindo a João, não deixa margem a mirabolantes exegese, para fugir da realidade bíblica de que João Batista foi mesmo Elias reencarnado.

Tudo nos leva a crer que essa deve ser a tradução correta, que reflete o texto original disponível, que foi mudado, justamente para escamotear a ideia da reencarnação, pois, com ela, o fiel salva a si próprio; não precisa, via de consequência, de líder que venha abrir a "porta do reino dos céus", para que ele possa entrar. Essa simples suspeita tornou-se uma convicção diante desta explicação:

A tradução do vers. 14 não coincide com as comuns. Mas o grego é bem claro: *kai (e) ei (se) thélete (quereis) decsásthai (aceitar, inf. pres.) autós (ele mesmo) estin (é) Hêlías (Elias) ho méllôn (part. presente de mellô, destinado, "o que estava destinado") érchesthai (inf. pres.: a vir).*

A Vulgata traduziu: "*et si vultis recipere, ipse est Elias qui venturus est*", em que o participio futuro na conjunção perifrástica dá o sentido de *obrigação* ou destino do presente do participio *méllôn*; acontece que o latim ligou num só tempo de verbo (*venturus est*) o sentido dos dois verbos gregos (*ho méllôn érchesthai*). Com essa tradução, porém, o sentido preciso do original ficou algo "arranhado". Se a tradução fora literal, deveríamos ler, na Vulgata (embora com um latim menos ortodoxo): "*ipse est Elias debens venire*", o que corresponde exatamente à nossa tradução: "ele mesmo é Elias que devia (estava destinado) a vir". Levados pela tradução da Vulgata, os tradutores colocam o futuro do presente (que *deverá vir*), quando a ação é nitidamente construída no futuro do pretérito. (PASTORINO, 1964c, p. 16) (grifo nosso).

A velha questão da tradução sempre se torna um problema para o entendimento do texto bíblico, além de não termos certeza absoluta de que o que ali está escrito corresponde de fato ao texto primitivo.

Por outro lado, colocar Elias como corajoso é, no mínimo, falta de conhecimento bíblico, pois após ele degolar os profetas de Baal, foge, como se diz popularmente, com "o rabo entre as pernas", de Jezabel, mulher de Acab, sétimo rei de Israel (875-853), que promete matá-lo por conta disso (1Rs 19,1-3). No máximo, no nosso entender, ele deveria ser considerado um sanguinário covarde, face a sua atitude de matar e fugir.

Aliás, tomando das próprias palavras dos contraditores podemos dizer "Logo, as profecias da vinda de Elias se cumpriram em João Batista. Portanto, Elias veio na pessoa de João Batista", uma vez que o espírito, que animava esses dois personagens, era o mesmo, ou seja, João Batista era Elias em nova encarnação. Dessa forma a profecia de Malaquias, na qual Deus prometeu enviar Elias, foi completamente cumprida. Aos que não acreditam nisso, devem apresentar-nos uma boa desculpa para justificar que Deus não tenha enviado Elias como prometeu, mas uma outra pessoa no lugar dele, tornando-O um enganador.

## 2 – Objeções Genéricas

### 2.1 - Os judeus não criam em reencarnação, e sim na ressurreição dos mortos (Mc 6,14-16 e Lc 9,7-8).

Será que é isso mesmo a verdade? Analisemos para constatar. Tomemos as passagens citadas:

1ª) Mc 6,14-16: *"O rei Herodes ouviu falar de Jesus, cujo nome tinha-se tornado famoso. Alguns diziam: 'João Batista ressuscitou dos mortos. É por isso que os poderes*

*agem nesse homem'. Outros diziam: 'É Elias'. Outros diziam ainda: 'É um profeta como os profetas antigos'. Ouvindo essas coisas, Herodes disse: 'Ele é João Batista. Eu mandei cortar a cabeça dele, mas ele ressuscitou!'"*

Interessante a argumentação de que Jesus fazia milagres pelos poderes de João Batista que agia sobre Ele. Isso é ressurreição do corpo físico? Não! Mas, então, o que é? É o que conhecemos por influência espiritual. Uma pessoa morre e, ressuscitada em espírito, passa a influenciar uma pessoa encarnada. Portanto, a ideia de ressurreição, nesta passagem, nada tem a ver com aquela ressurreição do final dos tempos, aceita pelos dogmáticos. Ressuscitar, nesse passo, é voltar à condição espiritual.

2ª) Lc 9,7-9: *"O governador Herodes ouviu falar de tudo o que estava acontecendo, e ficou sem saber o que pensar, porque alguns diziam que João Batista tinha ressuscitado dos mortos; outros diziam que Elias tinha aparecido; outros ainda, que um dos antigos profetas tinha ressuscitado. Então Herodes disse: 'Eu mandei degolar João. Quem é esse homem, sobre quem ouço falar essas coisas?' E queria ver Jesus".*

Nessa passagem é flagrante o uso da palavra ressurreição com o significado de reencarnação. Se as pessoas acreditavam que Jesus poderia ser Elias, Jeremias (Mt 16,14) ou um dos antigos profetas ressuscitado isso não é ressurreição, mas sim reencarnação, já que se fosse Jesus um deles, estaria num novo corpo, o de Jesus, obviamente. Quem pensa assim, acredita que alguém já morto poderia voltar num novo corpo como outra pessoa. É exatamente isso o que definimos como reencarnação; portanto, provamos que na época se acreditava em reencarnação, sim; só que para designá-la usavam a palavra ressurreição, que também possuía, àquela época, outros significados.

Em uma certa oportunidade, Jesus pergunta aos discípulos: *"Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?" Eles responderam: "Alguns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; outros ainda, que é Jeremias, ou algum dos profetas"* (Mt 16,13-14). Isso confirma que o povo acreditava na ressurreição em outro corpo, reencarnação para nós. Só que há algo importante nessa passagem: é que Jesus não protestou contra essa crença popular, o que significa que, tacitamente, a confirma. É como diz um velho provérbio: "quem cala consente".

Alguém poderá perguntar: "Mas o que tem a ver ressurreição com reencarnação?" Ao que responderemos: dependendo do contexto, muita coisa; aliás, são conceitos semelhantes. Como?! Expliquemos, utilizando, para isso, esse passo citado (Mt 16,14) na versão de Lucas:

Lc 9,19: *"Eles responderam: 'Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; mas outros acham que tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou'"*.

Observar bem o que pensavam a respeito de quem era Jesus: *"tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou"*. O que se pode entender disso é que o verbo "ressuscitar", utilizado nessa frase, tem, indubitavelmente, a nítido significado de reencarnar. Se Jesus, segundo suspeitavam, poderia ser qualquer um dos antigos profetas, isso só é possível acontecer pela reencarnação.

Por outro lado, como, nessa oportunidade, Jesus não combateu a ideia de que alguém poderia vir como uma outra pessoa, Ele, de certa maneira, sanciona a crença na reencarnação, pois, se não fosse uma realidade, certamente, que ele teria negado de forma contundente, de maneira a não deixar que as pessoas pensassem equivocadamente a respeito desse assunto.

Russell Norman Champlin (1933- ), renomado exegeta protestante, analisando a passagem Mt 16,14, correlata a essa de Lucas (Lc 9,19), disse:

*"Uns dizem: João Batista". Mat. 14:1 demonstra que Herodes adotou essa teoria: "Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos". Provavelmente, então, alguns dos herodianos também pensavam assim. Essa ideia circulava entre o povo. Dificilmente podemos crer que muitos pensavam que João Batista ressuscitara dos mortos, porque a maioria sabia que Jesus e João foram contemporâneos. Tal teoria, portanto, reflete a doutrina da *transmigração* da alma. É óbvio que essa crença exercia influência nas escolas dos fariseus, e, ainda que nunca tivesse sido totalmente aceita por todo o povo, muitos indivíduos (provavelmente a maioria) aceitavam-na como verdadeira. Conforme tais ideias se tinham desenvolvido nas escolas dos*

fariseus, dizia-se que ainda viviam as almas dos grandes profetas, e que em tempo oportuno, em momentos de grande necessidade, como alguma crise nacional, etc., tais almas poderiam tomar corpo novamente. No caso de João Batista, não podemos afirmar que essa crença refletisse a ideia da "reencarnação", mas deve ser interpretada como "transmigração" ou "possessão". Porém, uma vez admitida a ideia que Jesus era Elias, Jeremias, ou outro personagem do passado, então se pode afirmar que essa crença era idêntica à "reencarnação". O termo "transmigração" é usado por muitas vezes como sinônimo de "reencarnação". A identificação de Jesus com João Batista, pelo menos, poderia preservar a identificação de Jesus com a esperança messiânica, porque era crença geral, entre o povo, que João era Elias reencarnado, e Elias seria o precursor do Messias. Mas pode-se afirmar, à base dessa ideia, que tais pessoas não aceitavam que Jesus fosse o Messias. (CHAMPLIN, vol. 1, 2005, p. 443) (grifo nosso).

Esta aí uma prova de que os judeus acreditavam na reencarnação, que, para eles, consistia em ressuscitar em outro corpo.

Mas, ainda vamos trazer outra fonte para comprovar essa questão. Nós buscaremos esta informação no historiador daquela época chamado Flávio Josefo, que viveu entre 37 a 103 d.C. Suas obras históricas são: *"Antiguidades Judaicas"*, *"Guerra dos Judeus"* e *"Resposta de Flávio Josefo a Ápio"*, que, em nosso caso, fazem parte do livro *História dos Hebreus*.

Josefo, descrevendo a maneira de viver dos fariseus, coloca:

[...] Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e que outras voltam a esta. [...]" (JOSEFO, 2003, p. 416).

E, quando alguns soldados, derrotados na guerra contra os romanos, pensavam em suicidarem-se, alerta-os dizendo:

[...] Não sabeis que Ele difunde suas bênçãos sobre a posteridade daqueles, que depois de ter chamado para junto de si, entregam em suas mãos, a vida, que, segundo as leis da natureza, Ele lhes deu e que suas almas voam puras para o céu, para lá viverem felizes e voltar, no correr dos séculos, animar corpos que sejam puros como elas e que ao invés, as almas dos ímpios, que por loucura criminosa dão a morte a si mesmos são precipitados nas trevas do inferno; [...]" (JOSEFO, 2003, p. 600) (grifo nosso)

Assim, podemos dizer que os fariseus, grupo religioso que existia à época de Jesus, acreditavam numa ressurreição em outro corpo. Ora, isso não é nada mais nada menos do que aquilo que entendemos por reencarnação.

Esse argumento de que os judeus não acreditavam na reencarnação, é, quase sempre, utilizado pelos fundamentalistas, porém, não contam a história toda. Vários autores afirmam que acreditavam sim, como, por exemplo, Severino Celestino da Silva (1949- ), em *Analisando as Traduções Bíblicas*, onde apresenta, para comprovação, esta frase do Rabino Ariele Karplan (1934-1983): "Não é possível entender a Cabalá sem acreditar na eternidade da alma e suas reencarnações" (SILVA, 2001, p. 158).

Mais a frente, Celestino cita a opinião de uma outra pessoa:

Sobre a Reencarnação, apresentamos, aqui, para ilustrar, o depoimento do Rabino Shamai Ende, colaborador da Revista Judaica "Chabad News", publicação de Dez a Fev 1998. Vejamos o texto na íntegra: "O conceito de Guilgul (Reencarnação) é originado no judaísmo, sendo que uma alma deve voltar várias vezes até cumprir todas as mitsvot(1) da Torá. Além disso, cada alma tem uma missão específica. Caso não tenha cumprido a sua, a alma deve retornar a este mundo para preencher tal lacuna. Somente pessoas especiais sabem exatamente qual é sua missão de vida. [...]"

(1) Mitsvot – plural de mitsvá que significa mandamento ou prática de boas obras –

caridade.

(SILVA, 2001, p. 161) (grifo do original).

O Rabino Philip S. Berg (1929- ), em *Reencarnação as Rodas da Alma*, afirma que:

A palavra hebraica para reencarnação é *Guilgul Neshamot*, que literalmente quer dizer 'roda da alma'. É para esta vasta roda metafísica, com sua coroa constelada de almas, como estrelas nas bordas de uma galáxia, que devemos dirigir nosso olhar, se desejamos ver além da aparência da inocência punida e da maldade recompensada. *Guilgul Neshamot* é uma roda em constante movimento e, ao girar, as almas vêm e vão diversas vezes, num ciclo de nascimento, evolução e morte e novo nascimento. A mesma evolução ocorre com o corpo no decorrer de uma única vida. Ocorre o nascimento, o crescimento das células, a paternidade e a morte – novos corpos produzidos pelos antigos, dando assim continuidade à forma física. É sempre um pai que concede sua semente para que haja continuidade, num processo sem fim. (BERG, 1998, p. 17-18) (grifo nosso).

Berg, quando desenvolve o tema dentro da ótica cabalista, diz a certa altura:

Entre todos os que aceitam a doutrina da reencarnação, talvez os cabalistas sejam os únicos que acreditam que uma alma pode retornar num nível inferior daquele que deixou em uma vida anterior. Efetivamente, se o peso do *tikun* (correção) for suficientemente pesado, uma alma humana poderá se encontrar reencarnada no corpo de um animal, de uma planta ou até mesmo de uma pedra. (BERG, 1998, p. 29) (grifo nosso)

O conceito Espírita difere sobremaneira, porquanto não admitimos retrocesso, ou seja, uma alma humana não reencarna nunca no corpo de um animal.

"A Cabala é o significado mais profundo e oculto da Torá, ou Bíblia", diz Berg, o que confirma que é um conhecimento do judaísmo místico, segundo suas próprias palavras.

## 2.2 - Fica claro que Jesus nunca ensinou a reencarnação.

Dizer que Jesus nunca ensinou a reencarnação é forçar a barra, ignorando que ele não disse, em momento algum, que estavam em erro os que o supunham ser Elias, Jeremias, ou algum dos antigos profetas. É recusar a ver o que disse a Nicodemos "*é necessário nascer de novo*" (Jo 3,3). Certo é que em algumas Bíblias não é dito "nascer de novo", mas "nascer do alto". Entretanto, podemos ponderar que a tradução da palavra grega *anóthem*, segundo alguns estudiosos, tanto pode ser uma quanto a outra; daí, para não realçar a ideia da reencarnação, foi melhor colocar aquela que não levasse as pessoas a entenderem como reencarnação. Mas, pela dúvida de Nicodemos, fica claro que o sentido era nascer de novo mesmo: "*Como é que um homem pode nascer de novo, se já é velho? Poderá entrar outra vez no ventre de sua mãe e nascer?*" (Jo 3,4). Na sequência, Jesus não nega que seja sobre isso que está dizendo, mas reforça com outras palavras: "*Eu garanto a você: ninguém pode entrar no reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito*" (Jo 3,5), donde devemos tomar a água como símbolo da origem da matéria ou, como entendem alguns, uma analogia ao líquido amniótico.

Por outro lado, mesmo que Jesus não a tivesse ensinado, isso não significa que ela não exista, pois, convém lembrar que Ele disse: "*Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar*" (Jo 16,12).

## 2.3 - A Bíblia combate tal ensinamento

Curioso é que os contrários não se cansam de nos afirmar que a Bíblia não fala, em momento algum, em reencarnação; mas, quando o assunto é combatê-la, aí sim, nela se diz algo. Parece brincadeira! Só que, quando apresentam as passagens para comprovar o que alegam, verificamos que é pura interpretação equivocada, já que sempre as usam fora do seu contexto. Vejamos algumas, normalmente citadas.

Hb 9,27: "[...] aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disto o

*Juízo*”.

Essa é uma das mais interessantes, já que nem mesmo se sabe quem é o autor; daí é singular que usem um autor completamente desconhecido para contestar o que Jesus afirmou: *“João é Elias que devia vir”* (Mt 11,14). Poderia ser um argumento forte contra a reencarnação se o autor tivesse dito: *“aos homens está ordenado viverem uma só vez”*.

Lázaro, o filho da viúva de Naim e a filha de Jairo, entre outros que ressuscitaram, morreram duas vezes, provando que, em se acreditando nisso, a “ordem” contida na passagem é inconsistente. Mas, de qualquer forma, esse autor não está completamente errado, pois fisicamente em cada vida só morremos uma vez mesmo e em definitivo, por sinal.

Ainda em relação a essa passagem: até o presente ninguém conseguiu nos esclarecer se haverá dois julgamentos ou não. Se *“depois disto o Juízo”*, e em algumas Bíblias, está *“logo depois”*, qual será a utilidade de mais um juízo no final dos tempos? Quem for condenado no primeiro, poderá se salvar no segundo? Mas, se ficarmos apenas no que se diz nessa frase, então ninguém ficará esperando a ressurreição no último dia para ser julgado.

## 2.4 – O homem não pode se salvar por si mesmo

*“A Palavra de Deus, nos diz que é em Jesus que o homem consegue a expiação dos seus pecados (Jo 8,24; 1Jo 1,7-9). O homem só é salvo pela graça de Deus, sem nenhum esforço meritório (Ef 2,8-9; At 4,12; Rm 4,4-5)”*.

Se isso for verdadeiro então o *“Sede perfeitos como é perfeito o vosso pai celestial”* (Mt 5,48) torna-se um ensinamento inoperante que Jesus nos passou, pois, certamente, numa vida só, espírito algum conseguirá ser perfeito como o Pai o é. Perfeito no passo, provavelmente tenha o mesmo significado de *“[...] assim como é santo o Deus que os chamou, também vocês tornem-se santos em todo o comportamento, porque a Escritura diz: ‘sejam santos, porque eu sou santo’”* (1Pe 1,16) (ver também Lv 11,45; 19,2; 20,7-8). Mas ninguém disse que não conseguimos a salvação a não ser por Jesus; entretanto, ela não será pela graça e nem será pelo seu sangue derramado na cruz; porém unicamente seguindo os seus ensinamentos: *“É pelo evangelho que vocês serão salvos”* (1Cor 15,2) ou *“Em Cristo, também vocês ouviram a Palavra da verdade, o Evangelho que os salva”* (Ef 1,13).

Certamente que, não fosse a graça de Deus em nos dar outra oportunidade, estaríamos fritos; portanto, é pela graça de Deus mesmo que somos salvos. Entretanto, não é salvação *“de graça”* como muitos pensam, pois haverá de ser *“segundo a suas obras”* (Mt 16,27), a cremos no que Jesus disse.

Por outro lado, se a nossa salvação não estivesse em nossas mãos, então, Deus, certamente, salvaria a todos, já que isso só dependeria da vontade dele.

Uma crença que se opõe à reencarnação é a do inferno eterno; mas não há como explicá-lo diante disso: *“O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades”* (Sl 103,8-10).

Uma coisa que ainda estamos esperando é alguém nos provar que Deus tenha criado o inferno, lugar destinado ao suplício eterno dos contraventores de Suas leis. Que nos mostrem que a pena para os que não cumprem os Dez Mandamentos seja ir para o inferno, já que é nesse momento que Deus deveria tê-lo, certamente, criado.

## 2.5 - A proposta de uma vida feliz através da reencarnação não é atestada pela Bíblia.

E nem poderia ser de outra forma, já que *“Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar”* (Jo 16,12). Como, naquela época, não tinham uma noção clara quanto a isso, não adiantaria explicar o que não eram capazes de entender.

O que assegura uma vida feliz é a vivência do Evangelho em toda a sua plenitude, e a reencarnação é a oportunidade oferecida para todos aqueles que viveram e morreram, sem haverem tido a chance de ouvir o Evangelho. A reencarnação pode até não garantir uma vida feliz, mas garante a oportunidade de vivê-la. Em contrapartida, nossos críticos evitam dizer

que a proposta contrária, a de vida única, não dá essa mesma garantia para todos. Aliás, nem mesmo os que se acham merecedores de uma vida futura feliz, apenas por pregarem o Evangelho, sem o praticar, têm essa garantia.

## Conclusão

Procuramos desenvolver esse estudo de forma a provar que essa questão de João Batista ser Elias é muito clara no Evangelho; tão clara como a luz do Sol ao meio-dia, num "céu de brigadeiro". Entretanto, percebemos que por interesses, que não nos cabe aqui citá-los, as lideranças religiosas procuram esconder isso de seus fiéis, mantendo-os na ignorância. Qualquer pessoa de bom senso, ou que não se encontra atrelada a dogmas, verá que isso é ponto irrefutável. Só não vê quem não quer. Finalizando, repetimos, por oportunas, estas palavras de Jesus: "*Quem tem ouvidos, ouça*" (Mt 11,15).

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Out/2005.  
(revisado jan/2012)

## Referências bibliográficas:

- A Bíblia Anotada. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.  
Bíblia Sagrada. São Paulo: Ave Maria, 1989.  
Bíblia Sagrada, Edição Barsa. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.  
Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2001.  
Bíblia Sagrada, São Paulo: Paulinas, 1980.  
Bíblia Sagrada, Aparecida-SP: Santuário, 1984.  
Bíblia Sagrada, Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.  
Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002.  
Bíblia do Peregrino, São Paulo: Paulus, 2002.  
Bíblia Sagrada, Brasília, DF: SBB, 1969.  
Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.  
Bíblia Mensagem de Deus - Novo Testamento. São Paulo: Loyola, 1984.  
ANDRADE, H. G. *Morte: uma luz no fim do túnel*. São Paulo: FE Editora Jornalística, 2000.  
BERG, P. S. *As Rodas da Alma*, São Paulo, Centro de Estudos da Cabala, 1998.  
CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 1. São Paulo: Hagnos, 2005.  
CHAVES, J. R. *A Face Oculta das Religiões*. São Paulo: Martin Claret, 2001.  
CHAVES, J. R. *A Reencarnação Segundo a Bíblia e a Ciência*. São Paulo; Martin Claret, 2002.  
IANDOLI JR, D. *A Reencarnação como Lei Biológica*. São Paulo: FÉ, 2004.  
JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.  
KARDEC, A. A Gênese. Rio de Janeiro: FEB, 2007e.  
KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007c.  
KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007b.  
KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras, SP: IDE, 1993h.  
MONLOUBOU, L. E DU BUIT, F. M. *Dicionário bíblico universal*. Petrópolis-RJ: Vozes; Aparecida-SP: Santuário, 1997.  
PASTORINO, C. T. *A Sabedoria do Evangelho, vol. 3*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964c.  
SILVA, S. C. *Analisando as Traduções Bíblicas*. João Pessoa; Ideia, 2001.